

O Tempo e as Formas de Envolvimento do Pai em Tarefas de Socialização dos Filhos em Idade Pré-escolar

José Albino Rodrigues Lima

albino@fpce.up.pt

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Envolvimento, Interação, Acessibilidade e Responsabilidade Paterna

Este estudo procura explorar o tempo e as formas de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar (3-5 anos). Nesse sentido, utiliza-se o modelo tripartido de envolvimento paterno: *Interação, Acessibilidade e Responsabilidade* (Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1987; Lamb, 1997), que tem vindo a influenciar a investigação recente neste domínio. As referidas formas de envolvimento são medidas a partir do *Protocolo de Entrevista do Tempo Diário de Interação e Acessibilidade* (McBride & Mills, 1993) e da *Escala de Responsabilidade Parental* (McBride & Mills, 1993). São ainda considerados diferentes tipos de Interação entre pais e crianças, com base nas categorias: *Jogo, Funcional, Paralelo e Transição*. A amostra desta investigação é constituída por 60 pais e mães de crianças em idade pré-escolar (3-5 anos) que frequentam jardins-de-infância da cidade do Porto. As famílias são de NSE médio. A recolha de dados foi feita através de entrevistas individualizadas com os pais e através do preenchimento de dois questionários em que os pais e as mães tinham que chegar a um consenso relativamente a cada um das tarefas apresentadas. Os resultados obtidos mostram que as medidas utilizadas revelam-se adequadas e sustentam efeitos de *Período da Semana, Sexo da criança, e Idade do Pai*. Verificam-se diferenças no tempo e nas formas de envolvimento do pai durante a semana e ao fim-de-semana. Revela-se ainda que, ao fim-de-semana, os pais despendem mais tempo em Interação com os filhos do que com as filhas, e tendem a assumir mais Responsabilidade com os primeiros. Constata-se que os pais mais velhos não só estão mais acessíveis para os filhos como interagem mais com eles. Estes resultados são discutidos e analisados à luz da literatura e faz apelo à necessidade de se continuar a desenvolver estudos neste domínio.

Introdução

Durante as duas últimas décadas os investigadores têm vindo a mostrar grande interesse acerca da paternidade e sobre o papel do pai na família (e.g. Beitel & Parke, 1998; Lamb, 1997; McBride, Rane & Bae, 2001; Parke, 1995; Pleck, 1997; Tamis-LeMonda, Shannon, Cabrera, & Lamb, 2004), justificando a relevância de conhecermos as formas de envolvimento paterno no processo de socialização dos filhos, bem como a frequência, a qualidade e as consequências desse envolvimento.

Actualmente, não restam dúvidas de que o pai pode influenciar profundamente o processo desenvolvimental dos filhos (Lamb, 1997) pois quando são prestadores de cuidados competentes, implicados (Maccoby, 1995), assumindo um papel parental activo, podem ter uma influência positiva para o bem-estar e desenvolvimento da criança (Lamb, 1997) contribuindo de forma distinta para esse desenvolvimento (Paquete, 2004).

As diferentes investigações mostram, nomeadamente, benefícios para o desenvolvimento cognitivo, social (Lamb, 1997), e emocional dos filhos (Shek, 2005), para além de focarem as influências indirectas sobre os outros membros da família (Beitel & Parke, 1998), os benefícios para o sistema familiar como um todo (Frascarolo, 2004), bem como para o desenvolvimento e bem-estar dos próprios pais (cf. Eggebean, & Knoester, 2001).

Este interesse tem estado relacionado com as mudanças demográficas no perfil das famílias, o aumento do emprego das mulheres e o seu impacto na divisão das tarefas domésticas, o acréscimo de políticas sobre a família e o debate sobre o bem-estar das crianças (Marsiglio, 1995), bem como, as mudanças nas expectativas da sociedade sobre o papel paterno (Andrews, Luckey, Bolden, Whiting-Fickling, & Lind, 2004). Os pais têm-se mostrado cada vez mais interessados em participar na educação dos filhos, mostram maior satisfação com a paternidade (Snarey, 1993), sentido de competência parental (Baruch & Barnett, 1986) e disputam com mais frequência a atribuição do poder paternal (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000).

Tradicionalmente é confiado aos pais o sustento económico da família (cf. Zuo, 2004) e não uma participação directa na socialização dos filhos (McBride & Mills, 1993). Contudo, vários estudos têm evidenciado que o envolvimento do pai tem aumentado nos últimas décadas (Lamb, 2000; Pleck, 1997), e considerado que o pai contemporâneo está efectivamente mais implicado nesse processo do que o seu predecessor (Lamb, 1992). Porém, segundo Mintz (1998), é fácil exacerbar as mudanças uma vez que, em comparação com os seus próprios pais, os pais contemporâneos acompanham com mais frequência as companheiras durante os períodos pré e pós-natal, brincam com os filhos, assumem mais alguma responsabilidade directa pelo bem-estar das crianças, e desempenham mais tarefas domésticas. Lamb (2000), McBride e Rane (1998), acrescentam que o aumento do envolvimento do pai nas actividades de socialização é, ainda, pouco significativo, de modo que os pais continuam a despender bastante menos tempo do que as mães no cuidado aos filhos, existindo assim um longo caminho a percorrer para que se verifique uma paridade.

Além disso, as investigações contemporâneas acerca do papel do pai na vida familiar têm apresentado resultados bastante discrepantes (Booth & Crouter, 1998) havendo uma grande variabilidade individual nas formas e níveis de envolvimento paterno (Beitel e Parke, 1998; Maccoby, 1995). Aliás, a concepção e a vivência da paternidade não são uniformes e existem diferenças significativas (bem como semelhanças) nos diferentes países e entre diferentes culturas (Hewlett, 2000), de modo que a noção de que os pais desempenham diversos papéis na família e na sociedade é um pré-requisito essencial para compreender os debates contemporâneos acerca do sentido e natureza da paternidade, bem como as formas mais adequadas para explorar a influência do pai na família e no desenvolvimento da criança (Lamb, 1998).

Formas de Envolvimento Paterno

Os pais podem envolver-se com os filhos de diferentes formas e têm assumido diversas responsabilidades em diferentes períodos históricos (Faron, 2001). A vivência da paternidade sempre foi multifacetada e o modo como tem sido operacionalizada ou implicitamente definida tem mudado ao longo do tempo de forma significativa (Lamb, 2000). Numa tentativa de sistematizar e compreender os dados das investigações disponíveis sobre esta temática, Lamb, Pleck, Charnov, e

Levine (1987) propuseram o modelo tripartido de envolvimento paterno: Interação, Acessibilidade e Responsabilidade.

A Interação diz respeito à interação directa pai-criança em actividades como o jogo e a alimentação. Na Acessibilidade o pai pode, ou não, envolver-se directamente na interação mas continua disponível (física e psicologicamente) para a criança. Na Responsabilidade o pai assume a responsabilidade pelo bem-estar e segurança da criança (por exemplo, cuidar da segurança do filho ou saber quando necessita ir ao pediatra).

Na sequência, nomeadamente, dos trabalhos de McBride e Mills (1993) e McBride e Rane (1998), relativamente à forma de envolvimento Interação, consideram-se ainda quatro tipos de interação diádica: (1) Jogo – O pai e a criança estão activamente envolvidos em alguma actividade centrada na criança e realizada por prazer ou diversão; (2) Funcional – O pai ajuda ou desempenha alguma tarefa de prestação de cuidados à criança que ela, provavelmente, não consegue realizar sozinha; (3) Paralelo – O pai e a criança estão envolvidos em alguma actividade centrada no adulto, ou estão envolvidos na mesma actividade sendo que o pai não está a prestar total atenção porque está a realizar outra tarefa, ou estão a realizar actividades diferentes mas ocupam um espaço físico próximo; (4) Transição – O pai está a desempenhar uma tarefa que ajuda a criança a passar de uma actividade para outra, mas a criança prossegue a actividade sem a ajuda do adulto.

Este modelo tem vindo a influenciar a investigação recente neste domínio (McBride, & Rane, 1998; Parke, 2000) e parece emergir como base de uma perspectiva genericamente aceite das dimensões fundamentais da vivência da paternidade (Pleck, 1997).

Estas diferentes funções e formas de envolvimento paterno na socialização dos filhos devem ser entendidas, não de forma estanque ou mutuamente exclusiva (Lamb, 1997; NICHD, 2000), mas antes à luz daquilo a que Palkovitz (1997, in Marsiglio, Day, & Lamb, 2000) denominou de continuo de envolvimento.

Factores implicados no Envolvimento Paterno

Os investigadores têm assumido que a vivência da paternidade é multifacetada, multideterminada (NICHD, 2000), complexa e em transformação (Lis, Zennaro, et al., 2004), pelo que os diversos estudos têm considerado diferentes variáveis e factores que se relacionam com o envolvimento paterno (cf. Pleck, 1997). Dada multiplicidade de factores considerados vamos apenas fazer referência às variáveis utilizadas no estudo empírico.

O sexo da criança é um factor importante no processo de socialização (McBride & Rane, 1998; Shek, 2005). Este aspecto pode influenciar a forma como os pais interpretam o comportamento da criança e as expectativas que eles têm relativamente a ela (Jacobs, & Bleeker, 2004). Diversos estudos fundamentam a ideia de que os pais envolvem-se mais com os filhos do que com as filhas (Pleck, 1997; Lamb, 2000). Segundo o NICHD (2000) assumem, nomeadamente, maiores responsabilidades para com eles e existe também uma maior estabilidade ao longo do tempo no grau de envolvimento dos pais relativamente aos filhos, em comparação com as filhas.

Outros trabalhos não encontraram diferenças significativas, pelo que os dados das investigações são por vezes contraditórios e inconsistentes. Por exemplo, Lytton e Romey (1991, in Silverstein &

Auerbach, 1999), numa meta-análise de 172 estudos encontraram poucas diferenças significativas na forma como os pais e as mães cuidavam dos filhos e das filhas.

Considerando a idade do pai temos que ter em conta a fase do ciclo vital e do ciclo familiar (Badolato, 1997) em que a figura paterna se encontra. Naturalmente diferentes idades colocam em jogo diferentes variáveis, como os interesses, e as exigências profissionais e familiares.

Um estudo de Cooney et al. (1993; in Pleck, 1997) sugere que actualmente a paternidade considerada “no tempo” (entre os 24-29 anos) não é a “ideal” uma vez que neste período os pais desempenham papéis muito competitivos, estando menos disponíveis, física e psicologicamente, para uma participação activa na socialização dos filhos. Pelo contrário, constataram que os pais com uma paternidade tardia estavam, com maior frequência, fortemente envolvidos com os filhos e mostravam-se mais satisfeitos com o seu papel de pai, em comparação com os pais “no tempo”. Parke (1995) acrescenta a essas exigências as carências económicas normalmente associadas a uma paternidade mais “precoce”. Outros estudos corroboram esta tendência de maior envolvimento por parte dos pais mais velhos (Pleck, 1997). Parke e Nevill (1987, in Parke, 1995) indicam que as interacções entre pais mais novos e filhos geralmente implicam actividades de natureza física; com pais mais velhos as actividades privilegiadas são de natureza cognitiva.

Enquadramento e Objectivos do Estudo

Tendo por base o modelo tripartido de envolvimento paterno de Lamb e colaboradores (1987) que consideram três formas distintas de envolvimento: Interacção, Acessibilidade e Responsabilidade; procuramos explorar essas formas de envolvimento paterno no processo de socialização dos filhos em idade pré-escolar. Nesta investigação consideramos ainda os quatro tipos de interacção propostos por McBride e Mills (1993), Jogo, Funcional, Paralelo e Transição. No estudo exploratório de cada uma destas variáveis dependentes (tempo e formas de envolvimento e tempo e tipos de interacção) procuramos avaliar a influência de diferentes factores que com elas se relacionam: Período da semana (semana vs fim-de-semana), Sexo da criança e Idade do pai.

Método

Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 60 pais e mães de crianças em idade pré-escolar, com idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos ($M = 4.12$, $DP = 0.76$), das quais 32 são do sexo masculino e 28 do sexo feminino. As crianças frequentam jardins-de-infância da cidade do Porto. As famílias são de estatuto socioeconómico médio (avaliado a partir do teste de GRAFFAR, adaptação de Fonseca, V., 2000). Os pais têm idades compreendidas entre os 28 e os 48 anos. A média de idades é de 37,8 anos. As mães têm idades compreendidas entre os 26 e os 43 anos, sendo a média de idades de 35 anos. Ambos os pais têm emprego e partilham a residência com a criança.

Instrumentos

Protocolo de Entrevista do Tempo Diário de Interacção /Acessibilidade

Para avaliar as formas de envolvimento de Interacção e Acessibilidade utilizou-se o Protocolo de Entrevista do Tempo Diário de Interacção/Acessibilidade, de McBride e Mills (1993). Este instrumento

permite a recolha de dados através de uma entrevista individualizada na qual o entrevistador “ajuda” o pai a recordar-se das actividades realizadas no último dia de trabalho e no último dia de fim-de-semana. Isto é, que descreva com pormenor o que sucedeu nos dias referidos, em particular nas actividades realizadas com a criança. As entrevistas são gravadas e posteriormente transcritas de forma a serem analisadas. Os dados são cotados, para cada período de 15 minutos, em três categorias: (a) Interação, (b) Acessibilidade, ou (c) Inacessibilidade. De referir que por definição as interações pressupõem a acessibilidade (uma vez que o pai tem que estar acessível para poder interagir com a criança).

Na categoria Interação os autores definem ainda quatro subcategorias: (a) Jogo, (b) Funcional, (c) Paralelo, ou (d) Transição. Estas subcategorias permitem-nos aceder a informação mais pormenorizada sobre o tipo de actividades desenvolvidas entre pais e filhos. O resultado final de Interação corresponde ao total de minutos em que o pai interage com a criança. Os resultados podem ser considerados de forma independente em função do período da semana a que se referem, ou de forma conjunta. Os resultados da subescala Acessibilidade são considerados da mesma forma.

A fidelidade inter-avaliador foi feita através da análise de 12 entrevistas obtendo-se, em termos globais um valor de fidelidade inter-avaliador na ordem dos 95%.

Escala de Responsabilidade Parental

No que concerne à dimensão responsabilidade foi utilizada a Escala de Responsabilidade Parental (PRS) também desenvolvida por McBride e Mills (1993). Esta escala é formada por duas subescalas. A primeira consiste numa lista de 14 tarefas ou actividades nas quais os pais de crianças pré-escolares geralmente participam (e.g. comprar roupa para a criança, orientar a rotina matinal). Aqui, a Responsabilidade significa quem se recorda, planeia e organiza as actividades, independentemente de quem as realiza. Os pais completam o instrumento em conjunto e têm que chegar a acordo para cada uma das tarefas, assinalando a resposta que considerem apropriada, numa escala de 1 a 5. Os resultados obtidos são compreendidos entre 14 e 70. Esta variável foi convertida numa distância ao ponto médio da escala (PRS-Dif). Assim, o valor zero indica a partilha equitativa de responsabilidade parental, valores positivos indicam que o pai assume mais responsabilidade do que a mãe e valores negativos significam o inverso. A consistência interna desta subescala no alfa de Cronbach é de .71.

A segunda subescala (PRS-Percent) é formada por um questionário no qual é pedido aos pais que indiquem a percentagem de tempo que despendem individualmente e em conjunto na realização das actividades anteriormente mencionadas. Isto é, os pais têm de atribuir percentagens nas mesmas 14 actividades da primeira subescala. Os pais respondem ao questionário em conjunto, conciliando as respostas. Aqui, Responsabilidade indica quem efectivamente realiza as actividades e a percentagem de tempo despendido nessas tarefas. A PRS-Percent apresenta uma consistência interna elevada. Considerando as percentagens atribuídas pelos pais verificamos alfas de Cronbach = .85, .81, .89, respectivamente para a participação da mãe, do pai e de ambos.

Procedimento

Os contactos iniciais foram feitos através das educadoras das crianças, em ordem a sermos apresentados aos pais, explicar-lhes os propósitos da investigação e pedir a sua colaboração.

Quando ambos os pais acediam a colaborar era agendado um encontro por forma a facilitar a recolha de dados. Esta decorreu em dois momentos separados, em geral, por uma semana. Primeiramente eram recolhidos dados socio-demográficos sendo depois efectuada a entrevista com o pai utilizando o Protocolo de Entrevista do Tempo Diário de Interação /Acessibilidade. Estas entrevistas, com duração média de uma hora, foram realizadas no Jardim de Infância ou através de visita domiciliária do entrevistador. Em qualquer das situações a entrevista era particular e realizada apenas com a presença do pai. Todas as entrevistas foram gravadas para serem posteriormente transcritas e analisadas. Num segundo momento, procedeu-se à recolha das restantes medidas solicitando aos pais que, em conjunto, respondessem às duas subescalas da Escala de Responsabilidade Parental.

Resultados

Formas de envolvimento paterno Interação e Acessibilidade, em função do Período da Semana (semana vs fim-de-semana)

A ANOVA com duas medidas repetidas, *Período da Semana* (Semana vs. Fim-de-semana) e *Tipo de Envolvimento* (Acessibilidade vs. Interação), revelou um efeito de *Período da Semana*, $F(1, 59) = 877.84$, $p < .001$ (restantes efeitos $F < 3.00$, *ns*). Como se verifica no Quadro 1, o pai está mais envolvido durante o fim-de-semana, independentemente da forma de envolvimento.

Quadro 1: Médias e desvios-padrão das variáveis de envolvimento paterno, *Interação e Acessibilidade*, em função do *Período da Semana* (valores em minutos).

	Semana		Fim-de-semana	
	Média	(D. P.)	Média	(D. P.)
Interação	263.00	107.69	561.75	204.88
Acessibilidade	236.75	62.86	483.75	182.35
Total (*soma)	499.75	100.58	1045.50	104.88

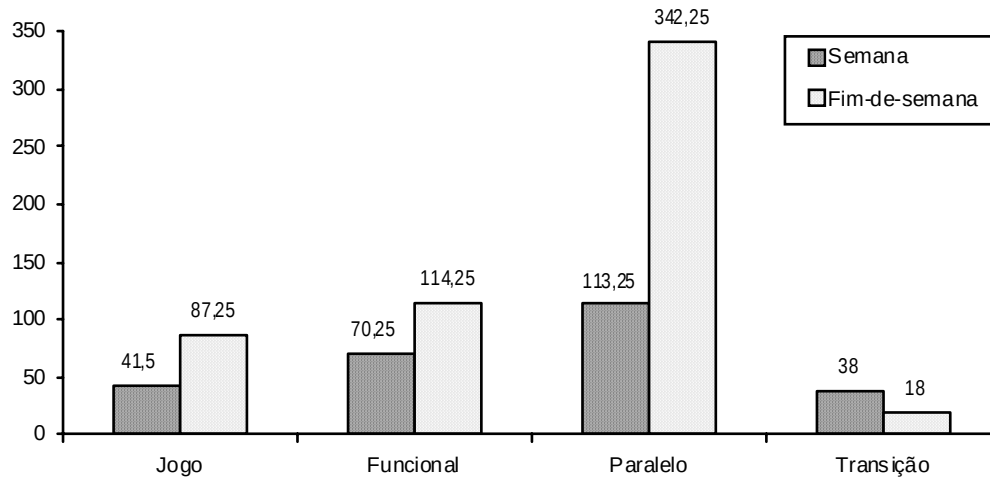
Formas de Interação paterna (Jogo, Funcional, Paralelo e Transição) em função do Período da Semana (semana vs fim-de-semana).

A ANOVA com medidas repetidas – *Tipo de Interação* (Jogo vs. Funcional vs. Paralelo vs. Transição) e *Período da Semana* (Semana vs. Fim-de-semana) – revelou que todos os efeitos são significativos: $F(3, 177) = 156.18$, $p < .001$, $F(1, 59) = 168.24$, $p < .001$, $F(3, 177) = 71.95$, $p < .001$, respectivamente para *Tipo de Interação*, *Período da Semana* e *Tipo de Interação x Período da Semana*.

O efeito principal do *Tipo de Interação* mostra que a forma de interação privilegiada (ver fig. 1) é *Paralelo* ($M = 227.75$, $DP = 88.94$), seguindo-se *Funcional* ($M = 92.25$, $DP = 39.93$), *Jogo* ($M = 64.38$, $DP = 60.38$) e *Transição* ($M = 28.00$, $DP = 17.73$), sendo todas as médias diferentes entre si (todos os $t > 5.23$, $p < .001$). O efeito principal do *Período da Semana* é o mesmo que verificámos na análise precedente, isto é, o pai interage mais com a criança durante o fim-de-semana. A interação entre as duas variáveis indica que enquanto a forma de interação *Transição* diminui ao fim-de-semana, $t(59)$

= 7.96, $p < .001$, em todas as outras formas de interacção o pai passa mais tempo com a criança ao fim-de-semana (todos $t > -8.84$, $p < .001$), em particular na forma de interacção *Paralelo*.

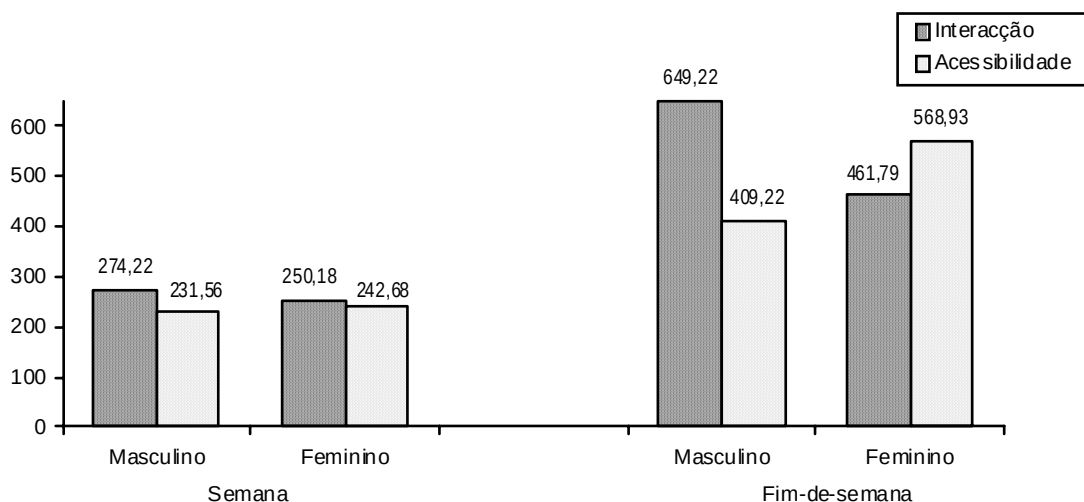
Figura 1. Formas de interacção paterna em função do *Período da Semana* (valores em minutos).



Formas de envolvimento paterno (Acessibilidade, Interacção) em função do Período da Semana e do Sexo da Criança

A ANOVA com medidas repetidas – *Período da Semana* (Semana vs. Fim-de-semana) e *Forma de Envolvimento* (Acessibilidade vs. Interacção) – entrando o Sexo da criança como factor inter-sujeitos, revelou efeitos significativos de *Período da Semana*, $F(1, 58) = 859.91$, $p < .001$, *Forma de Envolvimento* $\times$ *Sexo*, $F(1, 58) = 11.91$, $p = .001$ e *Forma de Envolvimento* $\times$ *Período da Semana* $\times$ *Sexo*, $F(1, 58) = 18.01$, $p < .001$, (maior efeito restante, $F(1, 58) = 2.73$, *ns*).

Figura 2. Formas de envolvimento paterno *Acessibilidade* e *Interacção*, em função do *Período da Semana* e do *Sexo da criança* (valores em minutos).



Como podemos ver na Figura 2, durante a semana a forma de envolvimento paterno é a mesma com uma criança do sexo masculino ou do sexo feminino, isto é, o pai está igualmente acessível ou em interacção ($t_{58} = -0.68$, *ns* e $t_{58} = 0.86$, *ns*, respectivamente) e não privilegia nenhuma dessas formas de envolvimento quer se trate de um filho, $t(31) = 1.79$, *ns*, ou de uma filha, $t(27) = 0.25$, *ns*.

Pelo contrário, ao fim-de-semana a forma de envolvimento é distinta em função do sexo da criança: o pai despende mais tempo em interacção quando se trata de uma criança do sexo masculino, $t(58) = 3.95$, $p < .001$, estando apenas mais acessível quando se trata de uma criança do sexo feminino, $t(58) = -3.74$, $p < .001$. Para além disso, quando se trata de um rapaz, o tempo que o pai despende em interacção com a criança é superior àquele em que “apenas” está acessível, $t(31) = 3.84$, $p = .001$, tendendo a verificar-se o inverso quando se trata de uma criança do sexo feminino, $t(27) = -1.84$, $p = .08$.

Tipos de interacção paterna (Jogo, Funcional, Paralelo e Transição) em função do Período da Semana e do Sexo da Criança

A ANOVA com duas medidas repetidas entrando o sexo da criança como factor inter-sujeitos revelou os seguintes efeitos: *Sexo*, $F(1, 58) = 10.26$, $p = .002$; *Período da Semana*, $F(1, 58) = 201.48$, $p < .001$; *Tipo de Interacção*, $F(3, 174) = 174.41$, $p < .001$; *Período da Semana x Sexo*, $F(1, 58) = 15.63$, $p < .001$; *Tipo de Interacção x Sexo*, $F(3, 174) = 10.21$, $p < .001$; *Período da Semana x Tipo de Interacção*, $F(3, 174) = 74.87$, $p < .001$; *Período da Semana x Sexo x Tipo de Interacção*, $F(3, 174) = 5.80$, $p = .001$.

Como se pode verificar no Quadro 2, a interacção de segunda ordem indica que durante a semana o tempo que o pai passa com a criança em cada um dos tipos de interacção não difere consoante esta é do sexo masculino ou feminino (maior $t_{58} = 1.67$, *ns*). Contudo, durante o fim-de-semana, o pai despende o mesmo período de tempo, independentemente do sexo da criança, em tarefas de tipo *Jogo*, *Funcional* ou *Transição* (maior $t_{58} = 1.73$, *ns*) mas passa significativamente mais tempo em tarefas de tipo *Paralelo* se a criança for do sexo masculino, $t(58) = 4.07$, $p < .001$.

Quadro 2: Médias e desvios-padrão dos Tipos de Interacção paterna em função do Período da Semana e do Sexo da criança (valores em minutos).

	<i>Semana</i>				<i>Fim-de-semana</i>			
	<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>		<i>Masculino</i>		<i>Feminino</i>	
	<i>Média</i>	<i>(D. P.)</i>	<i>Média</i>	<i>(D. P.)</i>	<i>Média</i>	<i>(D. P.)</i>	<i>Média</i>	<i>(D. P.)</i>
Jogo	35.63	31.36	48.21	45.15	102.66	101.81	69.64	90.20
Funcional	72.66	30.98	67.50	43.49	113.44	39.95	115.18	61.24
Paralelo	126.09	67.39	98.57	59.22	412.03	148.25	262.50	134.20
Transição	39.84	24.87	35.89	23.92	21.09	18.22	14.46	9.56

Este resultado é de particular relevância visto que clarifica a análise apresentada anteriormente. Com efeito, havíamos reportado que ao fim-de-semana o pai interage mais com a criança se esta for do sexo masculino do que se for do sexo feminino, $F(1, 58) = 15.59, p < .001$. No entanto, em face destes resultados, verifica-se que tal diferença resulta do facto do pai dedicar mais tempo ao filho em actividades de tipo Paralelo (de resto a forma de interacção privilegiada pelos pais do nosso estudo).

Responsabilidade paterna em função do Sexo da Criança

Os resultados relativos às duas medidas utilizadas para avaliar a responsabilidade parental revelam que o sexo da criança não tem efeitos significativos nesta forma de envolvimento. Na ANOVA de medidas repetidas sobre PRS-Percent – entrando o sexo da criança como factor inter-sujeitos – verifica-se apenas que a percentagem de tempo assumida pela mãe, $M = 47.08, DP = 15.86$, é superior à percentagem média de partilha de responsabilidade, $M = 27.55, DP = 20.19$, e à percentagem de tempo assumida pelo pai nessas tarefas, $M = 25.54, DP = 11.06$ ($F(2, 116) = 22.42, p < .001$; maior efeito restante, $F(1, 58) = 1.59, ns$). Os resultados na sub-escala PRS-Dif apontam no mesmo sentido: a responsabilidade assumida pelo pai não difere em função do sexo da criança (sexo masculino, $M = -0.40, DP = 0.27$; sexo feminino, $M = -0.50, DP = 0.39$).

Formas de Envolvimento paterno (Acessibilidade, Interacção) em função do Período da Semana e Idade do Pai

Optámos por criar duas categorias etárias (com base na Mediana): participantes cujo pai tem 37 anos ou menos vs. mais de 37 anos. A ANOVA de medidas repetidas, entrando *Período da Semana* (Semana vs. Fim-de-semana) e Forma de Envolvimento (Interacção vs. Acessibilidade), revelou efeitos significativos apenas de *Período da Semana*, $F(1, 58) = 873.10, p < .001$, e de *Idade do Pai*, $F(1, 58) = 5.11, p = .03$ (maior efeito restante, $F(1, 58) = 3.05, ns$). O primeiro efeito é o mesmo que descrevemos anteriormente, isto é, o pai está mais disponível para a criança durante o fim-de-semana.

Quadro 3: Médias e desvios-padrão das formas de envolvimento paterno Interacção e Acessibilidade, em função do Período da Semana e da Idade do Pai (valores em minutos).

	Semana				Fim-de-semana			
	≤ 37 anos		> 37 anos		≤ 37 anos		> 37 anos	
	Média	(D. P.)	Média	(D. P.)	Média	(D. P.)	Média	(D. P.)
Interacção	246.00	108.35	280.00	106.09	515.50	231.42	608.00	165.57
Acessibilidade	240.50	77.24	233.00	45.21	501.50	196.47	466.00	168.51

Como se pode observar no quadro 3, o efeito da *Idade do Pai* mostra que os pais mais velhos estão mais disponíveis (acessíveis ou em interacção) do que os pais mais novos ($M = 793.50, DP = 56.89$ e $M = 751.75, DP = 83.60$, respectivamente).

Tipos de Interação paterna (Jogo, Funcional, Paralelo e Transição) em função do Período da Semana e Idade do Pai

A ANOVA com duas medidas repetidas efectuada sobre os quatro tipos de interação, considerando o período da semana e a idade do pai, revelou os seguintes efeitos: *Período da Semana*, $F(1, 58) = 170.04$, $p < .001$, *Tipo de Interação*, $F(3, 174) = 159.44$, $p < .001$, *Período da Semana x Tipo de Interação*, $F(3, 174) = 73.73$, $p < .001$. A análise revelou ainda efeitos tendencialmente significativos de *Idade do Pai*, $F(1, 58) = 3.31$, $p = .07$, e de *Período da Semana x Tipo de Interação x Idade do Pai*, $F(3, 174) = 2.47$, $p = .06$.

Quadro 4: Médias e desvios-padrão das Formas de Interação paterna em função do Período da Semana e da Idade do Pai (valores em minutos).

	<i>Semana</i>				<i>Fim-de-semana</i>			
	<i>≤ 37 anos</i>		<i>> 37 anos</i>		<i>≤ 37 anos</i>		<i>> 37 anos</i>	
	Média	(D. P.)	Média	(D. P.)	Média	85.86	Média	(D. P.)
Jogo	46.00	41.86	37.00	35.17	79.50	57.77	95.00	108.26
Funcional	66.50	41.26	74.00	32.71	117.50	167.33	111.00	42.90
Paralelo	107.00	59.97	119.50	69.52	303.00	13.92	381.50	143.48
Transição	26.50	15.60	49.50	26.17	15.50	85.86	20.50	15.99

Embora a idade pai apenas revele efeitos tendencialmente significativos resolvemos reportá-los. O efeito de *Idade do pai* mostra que os pais mais velhos ($M = 444.00$, $DP = 111.48$) tendem a despende mais tempo em interação do que os pais mais novos ($M = 380.75$, $DP = 154.30$; valores soma dos quatro tipos de interação). Por seu turno, a interação de segunda ordem mostra que, como se pode observar no Quadro 4, durante a semana os pais mais velhos e mais novos apenas se diferenciam na forma de interação *Transição* revelando que os pais mais velhos despendem mais tempo do que os pais mais novos, $t(58) = 4.13$, $p < .001$ (restantes $t < 1$). Ao fim-de-semana a diferenciação entre pais mais velhos e mais novos verifica-se apenas na forma de interação *Paralelo*: os pais mais velhos despendem mais tempo do que os mais novos $t(58) = 1.95$, $p = .05$ (restantes $t < 1.29$, *ns*).

Este conjunto de resultados revela que os pais mais velhos não só estão mais disponíveis para os filhos, como também tendem a interagir mais com eles. Todavia os dados clarificam que no que concerne ao tempo de interação com a criança, a idade do pai, apenas os diferencia nas formas de interação *Transição* e *Paralelo*: a primeira durante a semana e a segunda durante o fim-de-semana.

Responsabilidade paterna em função da Idade do Pai

A ANOVA de medidas repetidas sobre PRS-Percent – entrando a idade do pai como factor inter-sujeitos – revela apenas o efeito principal da percentagem de responsabilidade parental (assumida pelo pai vs. mãe vs. ambos, $F(2, 116) = 21.51$, $p < .001$) que descrevemos acima (restantes $F < 1$). Ou

seja, não existem diferenças significativas na percentagem de tempo despendido nas tarefas de socialização dos filhos, entre os pais mais velhos e os pais mais novos. Contudo, na medida PRS-Dif verifica-se que os pais mais velhos, $M = -0.34$, $DP = 0.28$, assumem maior responsabilidade do que os pais mais novos, $M = -0.55$, $DP = 0.35$, pela socialização dos filhos, $t(58) = 2.45$, $p = .02$.

Discussão e Conclusão

O primeiro ponto a realçar diz respeito ao modelo tripartido de envolvimento paterno – Interacção, Acessibilidade e Responsabilidade – que se mostrou bastante útil para uma sistematização coerente dos dados relativos ao tempo despendido pelo pai em diferentes formas de envolvimento e tipos de interacção, bem como a adequabilidade das medidas utilizadas neste estudo.

Nos resultados obtidos salienta-se o facto do pai estar claramente mais disponível para os filhos durante o fim-de-semana do que durante a semana, independentemente da forma de envolvimento (96.8% e 46.27% do tempo, respectivamente). Se levarmos em linha de conta a forma de envolvimento constatamos que ao fim-de-semana, o pai despende mais de metade do tempo (52.01%) em interacção com a criança. De resto, como sustentam Yeung, Sandeberg, e Hofferth, (2001) este papel de “novo pai” parece emergir aos fins-de-semana.

Porém, considerando os diferentes Tipos de Interacção, verificamos que é privilegiada a forma de interacção Paralelo na qual o pai despende ao fim-de-semana cerca de 60% do tempo total de Interacção, enquanto em actividades de tipo Jogo, isto é, actividades realizadas por prazer, diversão e centradas nas crianças, somente 15% desse tempo de interacção (aproximadamente 90 minutos). Recorde-se que estas actividades incluem interacções diádicas como conversar, brincar, confortar, e jogar com a criança.

Um outro aspecto importante a considerarmos sobre os tipos de Interacção e que se relaciona com a partilha de tarefas de prestação de cuidados aos filhos (como por exemplo, vestir a criança, cuidar da higiene, alimentar, etc.) é o facto do pai despende num dia da semana mais de 1 hora e ao fim-de-semana cerca de 2 horas nesse tipo de actividades. Este ponto é importante porque por um lado indica que os pais envolvem-se directamente com os filhos neste tipo de tarefas (o que tradicionalmente não era esperado) e por outro reflectem (pelo menos) alguma partilha de responsabilidades a este nível.

Este conjunto de resultados vai ao encontro de uma tendência que reporta um maior envolvimento do pai nas tarefas de socialização dos filhos (Cabrera, et al, 2000; Lamb, 2000; Pleck, 1997), e sobretudo em domínios que tradicionalmente seriam da estrita responsabilidade e competência da mãe. Porém, mesmo em termos relativos, a mãe continua a despende maior tempo de envolvimento (Craig, 2006), embora esse tempo e formas envolvimento sejam depois qualificados pelas interacções que os pais, as mães, e as crianças, privilegiam e desenvolvem em conjunto.

Outro dado de relevo diz respeito à constatação de um maior envolvimento do pai com os filhos do que com as filhas. Com efeito, para além de assumir maior responsabilidade pelas tarefas de socialização dos filhos, ao fim-de-semana, quando está mais disponível, privilegia a interacção com eles. Estes resultados corroboram os obtidos por diferentes autores (Lamb, 2000; NICHD, 2000). Aliás, parece haver alguma especificidade no comportamento dos pais de modo que desenvolvem interacções baseadas no jogo e em actividades físicas, em especial com os filhos (Gottman, 1998).

Mais uma vez, temos que ter presente que o processo interactivo é dinâmico e recíproco pelo que a forma como pais e os filhos ou as filhas se envolvem e interagem, nomeadamente o tipo de actividades que privilegiam, implica a assumpção de uma perspectiva transaccional e ecológica do desenvolvimento humano.

Considerando ainda a Idade do Pai verificamos que os pais mais velhos tendem a assumir mais responsabilidades do que os pais mais novos e estão mais acessíveis e em interacção. Na discussão destes resultados devemos novamente fazer uma leitura considerando aspectos de natureza micro, meso, exo e macrosistémica, pois os dados validam as perspectivas ecológicas (cf. Bronfenbrenner, & Morris, 1998). A título de exemplo são relevantes as questões ligadas ao emprego pois, o investimento emocional e de tempo nas questões laborais vai competir com o exercício da paternidade (Minsel, Fthenakis, & Deppe, 1999), tal como a cada vez maior preocupação com a estabilidade de emprego e de situação socio-económica, para além da maior ou menor eficácia de medidas legislativas e políticas de apoio à família.

Finalmente levantam-se vários aspectos a ter em conta em futuras investigações. Esta análise incide sobretudo sobre o tempo despendido pelo pai nas diferentes formas de envolvimento (embora nos permita em certa medida aceder a dados de natureza qualitativa). Ora o desenvolvimento das crianças não é beneficiado pela mera presença do pai (Black, Dubowitz, & Starr, 1999) pois um maior envolvimento paterno na socialização dos filhos apenas é positivo se esse envolvimento for de qualidade (Parke, 2000). Aliás os psicólogos do desenvolvimento têm demonstrado com clareza que é a qualidade do envolvimento paterno e não a quantidade, *per se*, desse envolvimento que se correlaciona com resultados desenvolvimentais da criança (Parke, 1995), positivos ou negativos (Lamb, 1997). Todavia não é menos verdade que quantas mais forem as oportunidades para o pai se envolver de forma positiva e activa com os filhos maiores serão os benefícios daí decorrentes para ambas as partes.

Por outro lado abordamos neste estudo apenas algumas das variáveis que consideramos influentes sobre as formas de envolvimento paterno. Além disso, limitamo-nos a explorar o envolvimento paterno mas não as consequências desse envolvimento sobre os resultados desenvolvimentais dos filhos.

Como refere Parke (2000) se acreditarmos que o aumento do envolvimento paterno é benéfico para as crianças, as mães e os próprios pais, então a procura da melhor forma de avaliar esse envolvimento e os factores que ele se relacionam continua a ser um dos mais importantes desafios para os investigadores das ciências sociais. Em particular são fundamentais os estudos com amostras representativas, a utilização de métodos qualitativos e quantitativos, a condução de investigações longitudinais (Wood, & Repetti, 2004), estudos com diferentes tipologias familiares (e.g. Schwartz, & Finley, 2006; Schindler, & Coley, 2007) e com várias realidades culturais, cimentando uma abordagem multidimensional neste domínio da investigação (cf. Schoppe-Sullivan, McBride, & Ringo Ho, 2004).

Bibliografia:

- Andrews, A.; Luckey, I.; Bolden, E.; Whiting-Fickling, J.; & Lind, K. (2004). 'Public perceptions about father involvement', *Journal of Family Issues*, 25: 603-633.
- Badolato, G. (1997). 'Le père est-il compétent dans la compréhension des besoins du petit enfant?', *Enfance*, 3: 401-410.
- Baruch, G. K. & Barnett, R. C. (1986). 'Consequences of father's participation in family work: parents' role-strain and well being', *Journal of Personality and Social Psychology*, 51: 983-992.
- Beitel, A. & Parke R. (1998). 'Paternal involvement in infancy: the role of maternal and paternal attitudes', *Journal of Family Psychology*, 12: 268-288.
- Black, M.; Dubowitz, H. & Starr, Jr. R. (1999). 'African American fathers in low income, urban families: Development, behavior, and home environment of their three-year-old children', *Child Development*, 4: 967-978.
- Booth, A. & Crouter, A. (1998). 'Preface', In A. Booth & A. Crouter (Eds.). *Men in families: When do they get involved? What difference does it make?*, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). 'The ecology of developmental processes', In W. Damon & M. Lerner (Eds.). *Handbook of Child Psychology*, New York: Wiley & Sons, pp. 993-1028.
- Cabrera, N.; Tamis-LeMonda, C.; Bradley, R.; Hofferth, S.; & Lamb, M. E. (2000). 'Fatherhood in the twenty-first century', *Child Development*, 71: 127-136.
- Craig, L. (2006). 'Does father care mean fathers share? A comparison of how mothers and fathers in intact families spend time with children', *Gender & Society*, 20: 259-281.
- Eggebean, D., & Knoester, C. (2001). 'Does fatherhood matter for men?', *Journal of Marriage and the Family*, 63: 381-393.
- Faron, O. (2001). 'Father-child relations in France: changes in paternal authority in the nineteenth and twentieth centuries', *History of the Family*, 6: 365-375.
- Fonseca, v. (2000). *Classificação social internacional proposta por Graffar*. Policopiado.
- Frascarolo, F. (2004). 'Paternal involvement in child caregiving and infant sociability', *Infant Mental Health Journal*, 25: 509-521.
- Hewlett, B. (2000). 'Culture, history, and sex: Anthropological contributions to conceptualizing father involvement', *Marriage & Family Review*, 29: 59-74.
- Jacobs, J. & Bleeker, M. (2004). 'Girls' and boys' developing interests in math and science: do parents matter?', *New Directions for Child and Adolescent Development*, 106: 5-21.
- Lamb, M. (1992). 'O papel do pai em mudança', *Análise Psicológica*, 1: 19-34.
- Lamb, M. (1997). 'Fathers and child development: an introductory overview and guide', In M. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development*, New York: Wiley & Sons, pp. 1-18.

- Lamb, M. (1998). 'Fatherhood then and now', In A. Booth & A. Crouter (Eds.), *Men in families: When do they get involved? What difference does it make?*, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 47-52.
- Lamb, M. (2000). 'The history of research on father involvement: An overview', *Marriage & Family Review*, 29: 23-42.
- Lamb, M., Pleck, J., Charnov, E., & Levine, J. (1987). 'A biosocial perspective on paternal behavior and involvement', In J.B. Lancaster, J. Altman, A. Rossi, & L. Sherrod (Eds), *Parenting across the lifespan: Biosocial dimensions*, New York: Aldine de Gruyter, pp. 111-142.
- Lis, A., Zennaro, A., Mazzeschi, C., & Pinto, M. (2004). 'Parental styles in prospective fathers: a research carried out using a semi structured interview during pregnancy', *Infant Mental Health Journal*, 25: 149-162.
- Maccoby, E. (1995). 'The two sexes and their social systems', In P. Moen, G. Elder, Jr., & K. Luster (Eds), *Examining lives in context: Perspectives on the ecology of human development*, Washington, DC: American Psychological Association, pp. 347-363.
- Marsiglio, W. (1995). *Fatherhood contemporary theory, research, and social policy*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Marsiglio, W., Day, R. & Lamb, M. (2000). 'Exploring fatherhood diversity: implications for conceptualizing father involvement', *Marriage & Family Review*, 29: 269-293.
- McBride, B. & Mills, G. (1993). 'A comparison of mother and father involvement with their preschool age children', *Early Childhood Research Quarterly*, 8: 457-477.
- McBride, B. & Rane, T. (1998). 'Parenting alliance as a predictor of father involvement: An exploratory study', *Family Relations*, 47: 229-236.
- McBride, B., Rane, T., & Bae, J. (2001). 'Intervening with teachers to encourage father/male involvement in early childhood programs', *Early Childhood Research Quarterly*, 16: 77-93.
- Minsel, B; Fthenakis, W.; & Deppe, U. (1999). 'Changes in concept of fatherhood during child's transition to primary school', *Paper presented at the 9th European Conference on Developmental Psychology: Island of Spetses, Greece, September 1-5*.
- Mintz, S. (1998). 'From patriarchy to androgyny and other myths: placing men's family roles in historical perspective', In A. Booth & A. Crouter (Eds), *Men in families: When do they get involved? What difference does it make?*, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 3-30.
- NICHD Early Child Care Research Network. (2000). 'Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children', *Journal of Family Psychology*, 14: 200-219.
- Paquette, D. (2004). 'Theorizing the father-child relationship: mechanisms and developmental outcomes', *Human Development*, 47: 193-129.
- Parke, R. (1995). 'Fathers and families', In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting*, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, pp. 27-63.

- Parke, R. (2000). 'Father involvement: A developmental psychological perspective', *Marriage & Family Review*, 29: 43-58.
- Pleck, J. (1997). 'Paternal involvement: levels, sources, and consequences', In M. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development*, New York: Wiley & Sons, pp. 66-103.
- Schindler, H., & Coley, R. (2007). 'A qualitative study of homeless fathers: exploring parenting and gender role transitions', *Family Relations*, 56: 40-51.
- Schoppe, S., McBride, B., & Ringo Ho, M. (2004). 'Unidimensional versus multidimensional perspectives on father involvement', *Fathering: a Journal of Theory, Research, and Practice*, 2: 147-163.
- Schwartz, S., & Finley, G. (2006). 'Father involvement, nurturant fathering, and young adult psychosocial functioning: differences among adoptive, adoptive stepfather, and nonadoptive stepfamilies', *Journal of Families Issues*, 27: 712-731.
- Shek, D. (2005). 'Paternal and maternal influences on the psychological well-being, substance abuse, and delinquency of Chinese adolescents experiencing economic disadvantage', *Journal of Clinical Psychology*, 61: 219-234.
- Silverstein, L. & Auerbach, C. (1999). 'Deconstructing the essential father', *American Psychologist*, 54: 397-407.
- Snarey, J. (1993). *How fathers care for the next generation: A four-decade study*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Tamis-LeMonda, C.; Shannon, J.; Cabrera, N., & Lamb, M. (2004). 'Fathers and mothers at play with their 2- and 3- years olds: contributions to language and cognitive development', *Child Development*, 75, 1806-1820.
- Wood, J., & Repetti, R. (2004). 'What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child caregiving involvement', *Journal of Family Psychology*, 18: 237-249.
- Yeung, J., Sandeberg, P., & Hofferth, S. (2001). 'Children's time with fathers in intact families', *Journal of Marriage and the Family*, 63: 136-154.
- Zuo, J. (2004). 'Shifting the breadwinning boundary: the role of men's breadwinner status and their gender ideologies', *Journal of Family Issues*, 25: 811-832.